



## TRAVESSURAS DE UMA NIÑA MALA: A PENA MALEDICENTE DE UM PICHIRUCHI<sup>1</sup>

Silvana José BENEVENUTO<sup>2</sup>

**Resumo:** O romance de Mário Vargas Llosa, *Travesuras de la niña mala*, trata de uma história de amor que perdura ao longo de quatro décadas, vivida entre o narrador-personagem Ricardo Socomurcio e a “menina má”, que dá nome ao livro. O peruano Ricardo teria alimentado dois grandes sonhos por toda sua vida: viver em Paris e casar-se com este seu grande amor. Esta por sua vez, insatisfeita e inquieta, jamais estaria “contenta con lo que tenga” e, por esta razão, jamais aceitaria o comodismo e a mediocridade pequeno-burguesa de Ricardo. Entendendo que esta narrativa coloca em foco a relação conflituosa entre dois sujeitos de classes distintas, inseridos na contemporaneidade de formas distintas e inconciliáveis, nossa análise procura observar e discutir a perspectiva perversa do narrador em relação ao fascínio das classes pobres, à qual pertence a *niña mala*, aos imperativos do tempo presente.

**Palavras-chave:** literatura peruana, modernidade e pós-modernidade.

*"La ingenua creía que esas aventuras de contrabandista y traficante, jugarse la libertad en los viajes africanos, condimentaban la vida, la hacían más succulentas y divertida. Me acordaba de sus palabras: 'Haciendo estas cosas, vivo más'. Bueno, quien juega con fuego tarde o temprano termina por chamuscarse"*  
(Ricardo Socomurcio, em *Travesuras de la niña mala*, M. V. Llosa).

“Morirme de viejo en París”: esta é a frase que o narrador e personagem central do romance *Travesuras de la niña mala*, Ricardo Socomurcio, já morando em Paris, a cidade dos seus sonhos e trabalhando como tradutor e intérprete na UNESCO, repete ao ser indagado por seu chefe sobre quais eram, a longo prazo, seus projetos na vida. A frase define bem qual era – e seria – senão a única, ao menos a mais certa, ambição do narrador-personagem.

---

<sup>1</sup> “Pichiruchi” significa “pessoa insignificante”. Na tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht, “pichiruchi” é traduzido como “cozinha à-toa” (*Travesuras da menina má / Mario Vargas Llosa* tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. - Rio de Janeiro Objetiva, 2006).

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais pela FFC/UNESP – Campus de Marília, pesquisadora do pensamento social na Literatura Marginal, membro do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura.



O romance *Travesuras de la niña mala*, de Mário Vargas Llosa, escrito, em sua primeira edição, em 2006, narra em primeira pessoa a história do personagem peruano, radicado em Paris, Ricardo Socomurcio. O sonho de viver em Paris o acompanha desde muito jovem, quando ainda vivia no bairro limenho de classe média em Miraflores. Aliás, este era um desejo muito próprio de uma certa juventude intelectual dos anos 50 e, no caso do narrador, deveu-se, segundo ele conta, aos livros de seu pai, por meio dos quais ele fora “apresentado” à “cidade das luzes”, nas leituras de Paul Feval, Júlio Verne, Alexandre Dumas, sobre o que ele dizia: “porque allá, en París, vivir era vivir, Francia era el país de la cultura” (LLOSA, 2008, p. 17)<sup>3</sup>. Letrado e “bem-nascido”, Ricardo seria fiel a este encantamento com o referencial europeu, segundo o qual a França surge como o berço máximo da alta cultura cosmopolita..

Juntamente ao sonho de viver em Paris – que Ricardo consegue realizar cedo, indo morar lá no começo dos anos 60 – outro grande e perturbador desejo que alimentaria por toda sua vida, desde que a conheceu no inesquecível “verão fabuloso” dos anos de 1950, no bairro mirafloresino, seria viver ao lado de seu grande amor: a *niña mala* que dá nome à obra. Ricardo apaixonou-se pela “menina má”, como ele a apelidara, como um “bezerro”, como dizem os seus amigos de Miraflores: “Estás hecho un becerro, flaco, estás azul, flaco, te derrites de tanto camote, flaco” (LLOSA, 2008, p. 14). E este amor, ou obsessão, ou encantamento, perduraria por toda sua vida, apesar das muitas agruras e desenganos que a “cruel menina” lhe proporcionaria, segundo ele mesmo conta.

Inserido no centro da efervescência cultural, no seio da Europa, de onde advinha, na França dos anos 60, a febre da Revolução Cubana, que servia de “passagem obrigatória” aos militantes e intelectuais de esquerda “que soñaban con repetir en sus países la gesta de Fidel Castro y sus barbudos y se preparaban para ello, en serio o en juego, en conspiraciones de café” (LLOSA, 2008, p. 29), e de Londres dos anos 70, de onde despontava a ideologia do amor livre do movimento *hippie*, tudo o que o narrador-personagem, entretanto, deseja é, tão somente, continuar a trabalhar como intérprete da UNESCO e casar-se com seu grande amor. Ainda que a narração demonstre que Ricardo

---

<sup>3</sup> É interessante observar que críticos literários atribuem desejos comuns do próprio Llosa ao personagem-narrador de *Travesuras de la niña mala*. O sonho de viver em Paris, além das próprias cidades percorridas na vida do personagem coincidem com cidades que o próprio Llosa passara em vida, como Paris, Londres e Madri. Quanto a isto, Joaquín Marco (2008) diz: “Es posible que podamos descubrir en estas reflexiones algunos rasgos de la personalidad misma del autor, quien pasó, como su héroe, también por Madrid, París y Londres, viajó por este mundo global, aunque, a diferencia de su criatura, nunca dejó de sentir-se peruano” (MARCO, 2008, p. 113).



estivesse atento aos grandes movimentos culturais e políticos, acomodado, ele mantém-se ileso a todo e qualquer acontecimento à sua volta, de maneira que, nada, para além de suas duas únicas paixões, o encantaria, tampouco o afetaria diretamente: nem o fascínio exacerbado dos bens do consumo, que tanto seduzia a sua amada *niña mala*, nem as ideologias revolucionárias e/ou rebeldes que emanavam do seio da Europa em que vivia. Preso aos valores do seu grupo de origem, Ricardo mesmo conta que enquanto outros jovens dos anos 60, e, inclusive, seu grande amigo e conterrâneo, o revolucionário e guerrilheiro comunista, o gordo Paul, estavam envolvidos nas agitações da época, ele não tinha aspirações políticas. Ou, para nossa análise, não tinha aspirações político revolucionárias, já que agarrado aos seus valores pequeno burgueses, com seus ideais de vida e afeto, isto é, um bom e seguro emprego, com um *status* nada desprezível se visto da perspectiva dos familiares e amigos peruanos, bem remunerado e que, como complemento, deveria ser coroado com um casamento com uma bela mulher para toda vida, como manda o cristianismo e o ideal de amor romântico. Mas, nem por isso, como demonstra o seu encantamento pela *niña mala*, deixa de desejar, medrosamente, o ardor que move seus conterrâneos e toda esta geração disposta a colocar a ordem de “pontacabeça”.

*La niña mala*, ao contrário, é descrita como uma adepta voraz das novidades à disposição, do mundo do consumo às novas identidades, seduzida por aqueles elementos que Jameson (2007) denominaria típicos do comportamento dos indivíduos imersos no pós-modernismo. Esta, de quem até a sexta parte do romance não saberemos o verdadeiro nome, somente as denominações que assume em cada uma das suas múltiplas identidades, afirmaria que não poderia imaginar-se vivendo ao lado de uma pessoa tão medíocre como Ricardito, alheio às tantas “possibilidades” oferecidas neste mundo. A menina, também peruana, porém de origem pobre e indígena (como saberemos através da figura mítica de seu pai, o velho Arquimedes) não tem apreço pela vidinha centrada, romântica e liberal de Ricardo, e estaria sempre em busca do “novo”, disposta, inclusive, a renegar sua origem, seu passado e sua identidade em nome das últimas novidades, particularmente daquilo que lhe parecesse mais à moda e mais aventuroso, incluindo fortuna, *status*, consumo, viagens e riscos. Eram as promessas que chegam ao Peru através dos filmes de *Hollywood*, das revistas de moda, da indústria cultural e que, segundo o olhar narrativo, a *probrecita* absorveria acriticamente porque seria, afinal, *pobrecita*.



Observe-se este episódio, quando passando-se por Lily e dizendo-se *chilenita*, *niña mala* encanta a Ricardo, no memorável verão de 1950, em Miraflores:

Lily bailaba con un ritmo sabroso y mucha gracia, sonriendo y canturreando la letra de la canción, alzando los brazos, mostrando las rodillas y moviendo cintura y hombros de manera que todo su cuerpecito, al que modelaban con tanta malicia y tantas curvas las faldas y blusas que llevaba, parecía encrespase, vibrar y participar del baile de la punta de los cabellos a los pies. (...) Uno quedaba rezagado desde el principio y muy consciente de que los ojos de todas las parejas estaban concentrados en las hazañas mamberas de Lily, “¡Que niñita!” se indignaba mi tía Alberta, “baila como una Tongolele, como una rumbera de película mexicana”. “Bueno, no olvidemos que es chilena”, se hacía eco ella misma, “el fuerte de las mujeres de ese país no es la virtud” (LLOSA, 2008, p. 12).

E enquanto “Lily” – observe-se o nome com gosto de “heroína” cinematográfica – escandaliza a tia agarrada às “virtudes”, parece ser justamente esta desenvoltura que faz com que Ricardo se apaixone e se mantenha apaixonado para sempre, ainda que não consiga aderir ao estilo de vida da menina má:

Viajar, viajar, conocer todos los países era lo que más le gustaría. ‘Bueno, al menos ya conoces dos, Chile y Perú, qué más quieres’, le decía yo. ‘Compárate conmigo, que nunca salí de Miraflores’.

Las cosas que Lily contaba de Santiago eran para mí un anticipo del cielo parisino. ¡Con qué envidia la escuchaba! Allá, a diferencia de acá, no había pobres ni mendigos por las calles, a los chicos y a las chicas los papás los dejaban quedarse en las fiestas hasta el amanecer, bailar *cheek to cheek*, y jamás se veía, como aquí, a los viejos, a las mamás, a las tías, espiondo a los jóvenes cuando bailaban para reñirlos si se propasaban. En Chile a los chicos y a las chicas los dejaban entrar a las películas de mayores y, desde que cumplían quince años, fumar sin esconderse. Allá la vida era más entretenida que en Lima porque había más cines, circos, teatros y espectáculos, y fiestas con orquestas, y de Estados Unidos iban todo el tiempo a Santiago compañías de patinaje, de ballet, musicales, y, en cualquier trabajo que tuvieran, los chilenos ganaban el doble o el triple que aquí los peruanos (LLOSA, 2008, p. 18).

O amor de Ricardo pela falsa *chilenita* é desencadeado, fundamentalmente, pelo que ela representa, desde este primeiro momento, em termos de ruptura com o provincianismo, com o acanhamento cultural e moral da vidinha pequeno-burguesa limenha. Ainda que, neste caso, seja uma invenção da menina, Ricardito adivinha na sua fala a liberdade individual, a possibilidade de experimentar-se como indivíduo. E, mesmo com a descoberta de que ela era uma *huachafa*, isto é, uma falsária, ainda assim,



cada reencontro casual e imprevisível com a garota, em diferentes cidades – seja Paris, Londres, Tóquio ou Madri – reacenderia a chama de seu antigo amor mirafiorino: ou seja, Ricardo é seduzido por esta vida aventureira mas não ousa vivê-la na sua plenitude. Ao seu modo, é um crítico desta aventura “pós-moderna”, mas, de alguma forma, tenta usufruir dela, sem, no entanto, tentar comprometer-se efetivamente.

Calculista, pragmática e egocentrada, viver bem e possuir dinheiro seria o movente da vida de *niña mala*, segundo o narrador. Nem que para isto tivesse de renegar seu passado, sua família, seu nome, e, inclusive, e por que não, tendo em vista tudo o que ela abandonara, rejeitar, sem o menor remorso, o devoto e fiel apaixonado, Ricardito. Segundo o juízo de Ricardo, ainda que ela apreciasse a segurança e as certezas que lhe pudesse oferecer, a menina má não se contentaria com a vida pacata e estável de um sujeito como ele. É o que sugere a passagem em que ele, que nunca faltava a um encontro combinado, acaba não podendo comparecer em um dos compromissos agendado com ela. Num outro dia, *niña mala*, como vingança, chega duas horas atrasada: “Tú a mi no me dejas plantada, *pichiruchi* – vibraba de indignación y tenía la voz descompuesta. Tú, si tienes una cita conmigo...” (LLOSA, 2008, p. 149). É o suficiente para que Ricardo acredite que a menina teme apaixonar-se por ele:

No la dejé acabar la frase porque me abalancé sobre ella y con todo el peso de mi cuerpo la hice rodar sobre la cama. Se defendió un poco al principio, pero, sentí que me besaba y abrazaba también, y me ayudaba a desnudarla. Nunca antes había hecho algo así (...) Le rogué que me perdonara, jamás volvería a ocurrir, le agradecí que me hiciera tan feliz, que por primera vez me demostrara que también me quería. Entonces, la sentí sollozar y vi sus ojos mojados (LLOSA, 2008, p. 149).

Logo em seguida, no entanto, ela, notando a fraqueza que deixara transparecer, ao chorar, recompõe-se e retorna ao tom áspero, duro e frio que lhe seria característico: “No te equivoques, Ricardito. No creas que te hecho esa escena porque me muero por ti. Ningún hombre me importa mucho y tú no eres la excepción” (LLOSA, 2008, p. 150).

Assim, segundo Ricardito, os relacionamentos que *niña mala* trava, a cada nova personalidade assumida, são sempre desprovidos de vínculo afetivo, pois o pragmatismo seria a sua segunda pele. Ora se envolveria com alguém visando manter-se legalmente num país estrangeiro, ora com a intenção de viver bem financeiramente. Afinal, não combinaria com a sua inquietude e ambição apaixonar-se e vincular-se a alguém por toda a sua vida:



- Si esa vez, en lugar de despacharme a Cuba, me hubieras hecho quedar contigo aquí en París, ¿cuánto habríamos durado, Ricardito?
- Toda la vida. Te habría hecho tan feliz que no me hubieras dejado nunca. Dejé de hablar en broma y mi miró, muy seria y algo despectiva:
- Qué ingenuo y que iluso eres – silabeó, desafiándome con sus ojos- No me conoces. Yo sólo me quedaría para siempre con un hombre que fuera muy, muy rico y poderoso. Tu nunca lo serás, por desgracia.
- ¿Y si el dinero no fuera la felicidad, niña mala?
- Felicidad, no sé ni me importa lo que es, Ricardito. De lo que sí estoy segura es que no es esa sosa romántica y huachafa que es para ti. *El dinero da seguridad, te defiende, te permite gozar a fondo de la vida sin preocuparte por el mañana.* La única felicidad que se puede tocar. Se me quedó mirando, con esa expresión fría que se agudizaba a veces de manera extraña y parecía congelar la vida a su alrededor.
- Tú eres buena gente, pero tienes un terrible defecto: tu falta de ambición, estás contento con lo que has conseguido, ¿no? Pero eso no es nada, niño bueno. Por eso no podría ser tu mujer. Yo nunca estaré contenta con lo que tenga, siempre querré más (LLOSA, 2008, p. 88, grifos nossos).

Como se pode ver, o narrador não deixa de ressaltar que *la niña mala* não faz exatamente uma escolha de campo porque convicta das muitas possibilidades que o mundo oferece aos indivíduos modernos. Seria justamente a pobreza e a privação que a tornaria seduzida por tais oportunidades, até o limite da esquizofrenia (na acepção de Jameson): “*El dinero da seguridad, te defiende, te permite gozar a fondo de la vida sin preocuparte por el mañana.*” Enquanto isso, Ricardito, de origem social confortável, reafirma ao leitor seu comedimento, sua necessidade de escolhas e de projetos a longo prazo. E, incapaz de agir como *la peruanita*, toma seu comedimento – ou sua incapacidade pessoal de liberdade individual – como “filosofia do bem”, não é à toa que se auto define como o “bom menino”. Ele é admirador da ordem, leitor e tradutor da alta literatura, enquanto *la niña mala*, pobre e “pouco letrada”, deixa-se influenciar pela moda e esconde sua origem. No entender do “bom menino”, ela necessitaria de uma pessoa culta e boa, como ele, para ensiná-la aos “bons costumes” e à cultura iluminista e iluminada. É o que mostra a passagem quando *lo niño bueno*, ainda jovem, demonstra seu pensamento de classe (que, como vemos, o acompanhará por toda sua vida), e se enche de compaixão diante a *pobrecita*, quando esta ainda se passava por Lily, *la chilena*, juntamente com sua suposta irmã Lucy:

Nunca les vi la cara a sus papás. Ellas nunca nos llevaron ni a mí ni a ninguna chica o chico del barrio a su casa. Nunca celebraron un cumpleaños, ni dieron una



fiesta, no nos invitaron a tomar el té y a jugar, como si se avergonzaran de que viéramos lo modesto que era el lugar donde vivían. *A mí, que fueran pobretones y que se avergonzaran de todo lo que no tenían me llenaba de compasión, aumentaba mi amor por la chilena y me infundía designios altruistas: ‘Cuando Lily y yo nos casemos, nos llevaremos a vivir con nosotros a toda su familia’* (LLOSA, 2008, p. 19, grifos nossos).

Do menino bom de classe média e apaixonado prevalece o discurso da *compaixão* e do *altruísmo*, como ele próprio afirma. Ele quer, casando-se com ela, tirá-la desta vida pobre e, assim, preveni-la de vivenciar os seus prováveis infortúnios. Como admirador da ordem, Ricardito demonstra querer “discipliná-la”, evitando que ela viva a vida desregrada que, inocentemente, poderia ver-se seduzida. Deste narrador prevalece a visão do pobre como sujeito de fácil sedução porque desprovido de recursos culturais e que, assim sendo, precisa ser resgatado através da cooptação para garantir-lhes uma inserção comedida na vida social. Rejeitada a cooptação, não haveria alternativas para além de uma trajetória desastrosa.

Mais adiante, o narrador tentará nos convencer que o abandono da família e das raízes teria sido o princípio da derrocada da mocinha sedutora. O pai de *niña mala* representaria a própria origem do Peru: seria um homem de sabedoria autóctone, de fé, de crenças e de sensibilidade quase profética. No entanto, viveria mal, como vimos acima, em condições tão precárias que envergonhava a filha diante dos amigos adolescentes. Mas, na perspectiva do narrador, a menina ingrata jamais deveria tê-lo renegado, frívola, fora incapaz de perceber o grande valor de seu pai. E seria justamente o engenheiro, o homem da técnica e da ciência, Alberto Lamiel, que contaria ao *niño bueno* como, após inúmeras tentativas arruinadas, fora obrigado a submeter-se ao conhecimento “mágico” de Arquimedes, antes de ousar realizar uma construção no mar:

- Le va a impresionar mucho el viejo Arquímedes – me aseguró el ingeniero amigo de Alberto, al que éste le decía Chicho-. Es un loco lindo. Lo conozco hace veinte años y todavía me deja boquiabierto con las historias que cuenta. Es un mago, ya lo verá. Y un contador de anécdotas amenísimo (...).

- Todavía no me cabe en la cabeza lo que me contaste, Alberto- dije yo-. Sigo pensando que me has estado tomando el pelo. Me parece imposible que para construir un espigón en el mar se necesite más un brujo que un ingeniero.

- Pues, mejor créaselo – lanzó una carcajada Chico Cánepa-. Porque, si alguien lo sabe soy yo, por experiencia amarga (LLOSA, 2008, p. 336).

Ao conhecer o pai de *niña mala*, Ricardo vem, finalmente, a descobrir que o



verdadeiro nome da personagem de múltiplas faces e personalidades é Otilia, Otilita. E aproveita a oportunidade para tentar desvendar (e desvendar-nos) o verdadeiro passado de seu grande amor, como mostra a conversa entre ele e o Sr. Arquimedes:

- De esa descastada, no quiero saber nada – grunó-. Y menos hablar de ella, caballero. Le juro que si, arrepentida, viniera a verme, le cerraría en la nariz la puerta de mi casa (...).

- Porque ésa es una descastada, se lo juro – afirmó, la cara fruncida en una expresión muy severa-. *Ni para el entierro de su madre mandó plata*. Una egoísta, eso es lo que es. Se fue allá y nos dio la espalda. Se creará muy arriba y que eso le da derecho a despreciarnos, ahora. Como si no llevara en sus venas la misma sangre de su padre y su madre (LLOSA, 2008, p. 351, *grifos nossos*).

Mais um indício de que a menina má não tinha muitas razões para compreender o valor da cultura ancestral. A pobreza – econômica, que por consequência induzia a pobreza de espírito e cultural, segundo a narrativa – seria, segundo se percebe aqui, a origem do seu desatino, da sua despersonalização. Ao mesmo tempo em que lhe oferece uma origem tradicional, potente, mágica, realça a inserção complicada desta mesma origem no mundo capitalista periférico de uma grande cidade da América Latina. Arquimedes, o mago, não teria dinheiro para pagar o enterro da mulher, ainda que pudesse resolver os dilemas que a engenharia moderna não solucionava. Na tônica, entretanto, o narrador parece sugerir que para Otilia a perda desta base é a perda do próprio limite: longe de sua identidade, de sua família, tudo seria frivolidade e deslumbramento pelo que, no fim, é passageiro, parte da moda e, acima de tudo, nocivo.

O mercado mundial oferece, e Otilia, sem amarras, se deixa arrastar por ele. Assim ela transita por todos os tipos de peripécias que a vida “pós-moderna” possa oferecer, segundo conta Ricardito. Numa de suas aventuras mais perigosas, a “menina má”, vê-se em Tóquio, dependente, subjugada e submissa ao mafioso Fukuda, que a usa para saciar suas estranhas predileções sexuais. Fukuda, além de um *voyeur*, seria um contrabandista de afrodisíacos preparados com presas de elefantes, rinocerontes e outros animais. Paralelamente à sua figura, apresenta-se ao leitor, uma cidade em que são permitidas todas as formas de sexo e oferece todos os instrumentais sado-masoquistas possíveis, como mostra o bordel *Château Meguru*, “un verdadero paraíso de los placeres carnales” (LLOSA, 2008, p. 182), como dizia o amigo de Ricardo, o também intérprete, Salomón Toledano e onde tudo parecia ser possível: “los escesos, las fantasias, los fantasmas, las extravagancias tenían un escenario y un instrumental para materializarse”





(LLOSA, 2008, p. 182). Esta estranha e louca experiência de *niña mala* em Tóquio parece metaforizar o sujeito pós-moderno e esquizofrênico de que fala Jameson (2007), na sua obsessão cega por novidades, pelo presente, extrapolando todos os limites e chegando à beira da morte.

Em meio a esse mundo fragmentado e instável, observa Jameson (2007), há maior preocupação com o significante do que com o significado das coisas, de maneira que imperam indivíduos perdidos, incapazes de unificarem as idéias, incapazes de unificarem passado, presente e futuro, tanto da história, como da própria vida pessoal ou psíquica, tendo, dessa forma, sua própria identidade pessoal forjada. Este parece ser o caso de nossa Otilia, a “menina má”, para a qual não parece haver medidas: não há passado, já que renegara sua origem e sua identidade, e não há futuro, já que o que lhe importa é o desfrute do presente. Essas características, segundo Jameson (2007), deslocam o sentido, vigente no modernismo, de anomia (na concepção durkheiminiana) ou de alienação (na concepção marxista) à concepção de indivíduo fragmentado ou esquizofrênico, adjetivando o indivíduo pós-moderno. Conforme coloca o autor, a experiência humana reduzida a uma série de presentes não relacionados no tempo leva o mundo a uma esquizofrenia aumentada, a uma falta de profundidade, em que sobressai a simulação de um passado estereotipado e “sem afeto”. Vista da perspectiva de Ricardito Socomurcio, a menina má padece de carência das bases sólidas, portanto, enquanto o apaixonado e centrado *niño bueno* teria permanecido atrelado à ideologia iluminista francesa clássica liberal, *niña mala* estaria “contaminada” pelos ideais do estágio mais avançado do capitalismo: do *capitalismo tardio*, uma vez que estaria mais inserida na lógica da sociedade de consumo, cujas prerrogativas teriam invadido até mesmo sua esfera psíquica e social, como mostra sua doentia relação com Fukuda.

A partir dessa análise, entendemos que para a menina que jamais estará feliz com o que quer que tenha e para a qual o que vale é somente viver o presente com conforto, não há como aceitar o comodismo e as aspirações pequeno-burguesas de Ricardo, ao qual ela apelida de “*pichiruchi*”, isto é, uma “coisinha à toa”, como ela dizia: “¿Qué partido puede ser para la esposa de un diplomático francés un *pichiruchi* traductor de la Unesco?” (LLOSA, 2008, p. 64). É por isso que ela não lhe poupa maus tratos quando tem em vista uma vida mais excitante e mais promissora: não são estas as promessas do mundo em questão?

Mas, se renegar a identidade, a nacionalidade e a própria filiação teriam



representado a ruína da menina má, Ricardo, no entanto, sempre narra seu fascínio por Paris com outro sinal. Sua saída do país de origem não seria como a de Otília, pois, diferentemente dela, teria mantido vínculos com os amigos peruanos, chegando a definir-se um peruano em Paris e um parisiense no Peru:

Había dejado de ser un peruano en muchos sentidos, sin duda. ¿Qué era, entonces? Tampoco había llegado a ser un europeo, ni en Francia, ni mucho, menos in Inglaterra. ¿Qué eras, pues, Ricardito? Tal vez, lo que en sus rabietas me decía Mrs. Richardson: un pichiruchi, nada más que un intérprete, alguien que, como le gustaba definirnos a mi colega Salomón Toledano, sólo es cuando no es, un homínido que existe cuando deja de ser lo que es para que por él pasen mejor las cosas que piensan y dicen los otros (LLOSA, 2008, p. 157).

Além do seu grande amor, seu grande amigo, o guerrilheiro Paul, também seria de nacionalidade peruana, assim como o *hippie* e pintor de quadros, Juan Barreto, amigo que, para a tristeza de Ricardo, acabaria morrendo contaminado pela enfermidade, até então, nova: a Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida – SIDA, que se manifesta no início da década de 70, e ficaria conhecida como AIDS.

Além das amizades, a relação com seu país de origem seria mantida por meio das correspondências trocadas constantemente com seu Tio Ataúlfo, do qual recebia informações e opiniões pessoais do rumo político que o país tomava. Com a morte de seu tio, nos finais dos anos 80, Ricardo deixa de receber notícias do Peru:

Me enteré de la muerte del tío Ataúlfo varias semanas después de ocurrida, a los seis meses de estar viviendo en Madrid, por una carta de Alberto Lamiel. (...) Desde mi último viaje al Perú, a finales de 1984, nos habíamos escrito todos los meses y, en su letra temblorosa, que había seguido paso a paso los desastres económicos que acarreaban al Perú las políticas de Alan García, la inflación, las nacionalizaciones, la ruptura con los organismos de crédito, el control de precios y de cambios, la caída del empleo y de los niveles de vida. Las cartas de tío Ataúlfo delataban la amargura con que esperaba la muerte (LLOSA, 2008, p. 379).

É interessante observar que enquanto Otília é uma cidadã do mundo, Ricardo amarga as consequências de viver em Paris, sentindo-se um desgarrado, conforme revela na passagem que segue, em um diálogo que trava com seu tio Ataúlfo, no Peru, nos anos 80:

— Qué bien hiciste en irte a Europa, sobrino – era su estribillo, que repetía atusándose la barbita entrecana que se había dejado crecer (...)



— No estoy tan seguro, tío. Sí, es verdad, tengo una profesión que me permite vivir en una ciudad maravillosa. Pero, allá, he terminado por convertirme en un ser sin raíces, en un fantasma. Nunca seré un francés, aunque tenga un pasaporte que diga que lo soy. Allá seré siempre un *mètèque*<sup>4</sup>. Y he dejado de ser un peruano, porque aquí me siento todavía más extranjero que en París (LLOSA, 2008, p. 334).

Apesar do desconforto, Paris é o “novo mundo” idealizado por Ricardo e no qual, segundo ele acredita, ainda persiste na cultura um potencial para intervir neste referente que idealiza. Para Otilia, não há “novo mundo”: ela lança-se desmedida e desvairada ao evento, para onde quer que ele a leve – seja Paris, Cuba, Londres, Madri ou Tóquio – e nele vai até as últimas consequências. Ao justificar seu sentimento de estrangeiro e enfatizar sua ligação com seu país de origem, comparando-se com *niña mala*, o narrador diferencia-se desta que vê como uma *pobrecita*, julgando-a como exemplo máximo do desapego e desprendimento, alguém capaz de “desperuanizarse” (LLOSA, 2008, p. 359). Assim, acaba por impingir a ela uma “inferioridade de espírito” em comparação à sua pessoa. Do seu ponto de vista, ainda que o tom seja de brincadeira amorosa de adolescentes, ele seria mesmo o menino bom, enquanto a mocinha pobre e deslumbrada seria a menina má. Não por outra razão, no final do romance, Otilia morreria vitimada por um tumor nos órgãos genitais. Para o leitor, fica a ideia de consequência natural da vida desregrada, das muitas “travessuras”, vividas pela *peruanita*. Enquanto estava doente, fragilizada, *la niña mala* acaba vendo-se entregue aquele ao qual sempre fizera de “gato e sapato”. Este, por sua vez, tomando, finalmente, as rédeas da relação, se fortalece diante a dependência física e emocional da *pobrecita*, afinal, a esta altura, ele poderia, por vingança ou por vaidade, negar-lhe ajuda, tendo em vista tudo o que ela o fizera sofrer. Mas, sugerindo sua “superioridade de espírito” diante Otilia, não o faz, apoiando-a até o fim dos seus dias e tendo-a, finalmente, da forma que ele sempre sonhou: “como uma esposa modelo” (LLOSA, 2008, p. 417), como satisfeitamente observa o nosso narrador.

Cabe observar que, da mesma forma que a morte de *la niña mala* aponta para a punição de uma vida sem medidas, outros amigos de Ricardo que aventuraram-se em escolhas “desregradas” tiveram como fim a morte: é o caso de seu amigo revolucionário, o gordo Paul, que ao escolher envolver-se com a guerrilha comunista peruana acaba

---

4 “*Mètèque*” é uma palavra francesa que significa “meteco”. “Meteco”, segundo dicionário online Priberam da Língua Portuguesa, é (1.) o nome dado em Atenas aos estrangeiros que haviam fixado residência nesta cidade; (2). estrangeiro domiciliado num país.



morto pelo exército, e, também, de seu amigo pintor de quadros, o *hippie* adepto do amor livre, Juan Barreto, acaba vitimado pela Aids. Assim, nosso narrador parece sugerir que fora da ordem e das regras, não há vida possível.

Condenando aqueles que admira e inveja pela liberdade que possuem em experimentar-se como indivíduos, o romance se encerra com o saldo de que a vida entregue às aventuras e *travesuras de la niña mala* é perigosa, e a morte é consequência quase certa, como vimos. De maneira que Ricardito se convence – e a isto procura induzir seu leitor – que sua escolha por uma vida regrada, comedida e sem grandes aventuras teria sido mais sábia que as escolhas da menina má.

---

**Abstract:** Mario Vargas Llosa novel, *Travesuras de la niña mala*, talks about a love story that lasted four decades and it was lived between the character-narrator Ricardo Socomurico and the “bad girl”, name of the book. The Peruvian Ricardo Socomurico had two big dreams in his entire life: live in Paris and get married to his great love, “the bad girl”. This bad girl, unhappy and anxious, would never get satisfied with what she had. For this reason, she would never accept the petit bourgeois mediocrity and self-indulgence of Ricardo. We understand that this narrative focus the conflicting relation between two people from different classes, introduced in the moment of distinct and incompatible shapes, our analysis aims to observe and discuss the perverse perspective of the narrator relative to the fascination of the lower class which the bad girl belonged to, until the imperatives of the present moment.

**Key words:** Peruvian literature, modernity, post modernity.

---

### Referências Bibliográficas

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*, trad. Sobral e Gonçalves. São Paulo: Loyola, 12ª ed, 2003.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco; Rev. Iná Camargo Costa, 2ª. Ed., São Paulo: Ática, 2007.

LLOSA, Mário Vargas. *Travesuras de la niña mala*. Madrid: Punto de Lectura, 2008.

MARCO, Joaquín. *Viaje literaria en el mundo global: sobre Travesuras de la niña mala, de Mário Vargas Llosa*. In. *El viaje en la literatura hispanoamericana: el espíritu colombino*, MATTALIA, Sonia, CELMA, Pilar y ALONSO, Pilar. Asociación Española de Estudios Literarios Hispanoamericanos, VII Congreso Internacional de la AEFCH, Madrid, 2008, pp. 107-120.

OVIEDO, José Miguel. *Mário Vargas Llosa: la invención de una realidad*. Barcelona: Ed. Seix Barral, 1982.